

Vida de D. Bosco.

Capítulo VII. — A poucos passos da meta almejada 45
 Capítulo VIII. — O último dia no prado 107
 Capítulo XIX. — Um augusto protector 137

Missões.

Relatório da Obra Salesiana na Patagónia e Terra do Fogo 16
 Pela Prelatura do Registro do Araguaia fóra República do Equador 50
 A Obra de D. Bosco no Paraguai 54
 Mato Grosso, Brasil 77
 Desde as terras mais austrais de América 81
 Missão da China — A' guisa de prólogo 83
 Rio Negro, Brasil 112
 China: Acto de posse da Missão de Leng Não-Tou 114
 China: Viagem dos Missionários: De Nápoles a Port Said 144
 Entrada de Mons. Massa em S. Gabriel, Brasil 180
 China: Viagem dos Missionários: De Port Said a Xangai 181

Aniversários e comemorações.

Trinta e tres anos depois 22
 No III Centenário do passamento de S. Francisco de Sales 129
 Outra data jubilar 130
 III Centenário de S. Francisco de Sales: Programa dos festejos 176

Culto de Maria Auxiliadora.

Como devemos honrar Jesus Sacramentado 24
 Combatamos contra a blasfémia e os maus discursos 56
 Guardemos os dias santos e façamo-os guardar 87
 Liturgia da Festa de N. S. Auxiliadora 118-150
 Hino de Gratidão 187

Graças de Maria Auxiliadora.

Alto Mar 89 — Angra do Heroismo 58, 120, 152 — Arcos de Valdevez 59, 120 — Areia Branca 120 — Baía 90 — Barcelos 59, 90 — Benícia 89, 152, 189 — Bezerros 119 — Bom-Jardim 151 — Bonito 25, 27, 188 — Braga 59, 88, 120, 152 — Cabedelo 189, — Caicó 120 — Califórnia 59 — Ceilão 89 — enterville 120 — Covilhã 88 — Cuiabá 26 — Courtorim 89 — Damão 187 — Decoto 151 — Dom Pedrito 26 — Engenho Diligência 189 — Espraído 90 — Faial 58, 120, 152 — Fall River Mass 120 — Flôres 151 — Frades 88 — Gameleira 188 — Garanhuns 26 — Itamaraja 120 — Jaboatão 119 — Lagedo 188 — Lisboa 26, 27, 58, 119, 187 — Los

Altos 90 — Lourenço Marques 88 — Loutulim 89, 90 — Macau 27 — Macedo de Cavaleiros 151 — Maceió 26, 27, 188 — Madeira-Manicoré 189 — Malta 120 — Merced 152 — Milpitas 152 — Mombassa 90 — Morros das Lages 152 — Oakland 90 — Palmares 26 — Panelas 189 — Paraíba 90, 188 — Pernambuco 89, 90, 119, 188 — Pesqueira 27, 189 — Pico 59 — Pilar 120 — Ponta Delgada 58, 90, 120, 151, 152 — Ponte do Lima 26 — Portalegre 90 — Porto 26, 90 — Porto Calvo 189 — Queluz 90 — Recife 26, 120, 119, 188 — Ribeirão Preto 188 — Ribeirinha 58 — Santa Cruz 27, 58, 151, 152 — Sant'Estevão 9 — Santos 120 — S. Cosme de Gondomar 26, 27, 90, 152 — S. Jorge 57, 58, 59, 90, 120 — S. Paulo 89, 90, 120 — S. Pedro de Campanhã 152 — S. Rafael 90 — Sines 58 — Taquariti 189 — Triunfo 188 — Varzea 119 — Velas 88, 90 — Viana do Castelo 151 — Vila das Lages 152 — W. Berkeley 188.

Factos atribuidos a D. Bosco.

Bonito, 23 — Manaus, 23 — Roma, 23.

Factos atribuidos a Domingos Savio.

Macul, 59.

Informação.

Alexandria 31 — Baracaldo 93 — Barcelona 29, 30 — Barranquilla 93 — Beitgemal 124 — Bernal 94 — Bom-Jardim 154 — Buenos Aires 157 — Camaguei 124 — Campinas 60, 122, 155 — Caracas 93 — Carmona 62 — Ciudadela 93 — Colonia 154 — Conca 124 — Conceição 94 — Corumbá 122, 153 — Coxipó da Ponte 155 — Cuiabá 154 — Cruzeiro 61 — Emsdorf 93 — Guaiquil 94 — Lavrinhas 28 — Lima 125 — Macau 91, 121 — Madrid 156 — Marselha 123 — Mato Grosso 61 — Modica 30 — Mondonio de Asti 90 — Morelia 68 — Panamá 63, 124 — Paraguai 125 — Paris 123 — Patagones 63 — Queluz 62 — Roma 29 — Salto 125 — Salamanca 30 — S. Paulo 28, 154, 155 — Santa Tecla 29 — Sevilha 123 — Sucre 125 — Turim 62, 123, 130, 156 — Varazze 93.

Necrologia.

Dr. Guilherme d'Oliveira Martins 31
 Comendador Jerônimo de Campos Freire 31
 D. Victoria Barbosa Oliveira Martins 158
 Capitão João Xavier Neto 158

Bibliografia.

Raios de luz 2, 34
 Leituras Católicas 95
 Santa Cruz 95
 Estrela do mar 106
 Estrela Matutina 117

Ger. Resp. GEMINIANO FERRARI.

Tip. Sociedade Editora Internacional, Avenida Rainha Margarida, 174. Turim-Italia.

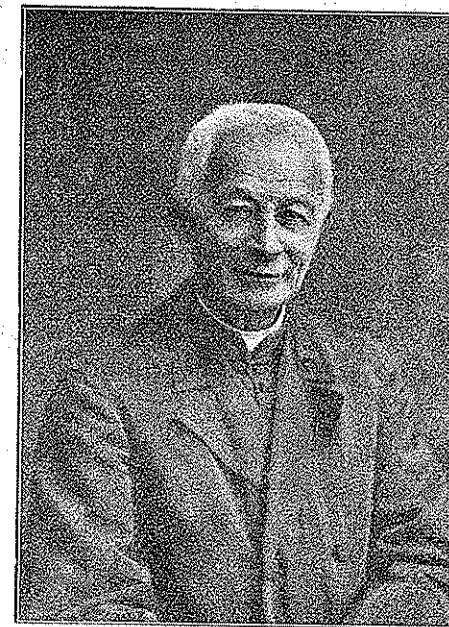
BOLETIM SALESIANO

= REVISTA DAS OBRAS DE DOM BOSCO =

Ano XXVIII — Número 6

Novembro-Dezembro 1921

Sumário. — O nosso lucto — Revmo. Sr. D. Paulo Albera — Exmo. e Revmo. Sr. D. Tiago Costamagna — Exmo. e Revmo. Sr. D. João Marenco — Frutos das Escolas Católicas — III Centenário de S. Francisco de Sales — Pelo campo dos Ex-alunos Salesianos: Federação Brasileira, Centro de S. Paulo, Centro de Pernambuco. — Pelos Centros das Ex-alunas das Filhas de Maria Auxiliadora do Brasil: Centro de Guaratinguetá — Que é uma criança? — Das nossas Missões - Brasil: Entrada de Mons. Massa em S. Gabriel - China: Viagem dos Missionários para a missão de Leng-Tou — Uma festa do Papa no Brasil — Culto de Maria Auxiliadora: Hino de gratidão — Graças de Maria Auxiliadora — Índice analítico do ano 1921.



D. PAULO ALBERA
 (Ultimo retrato).

DIRECÇÃO E ADMINISTRAÇÃO: Rua Cottolengo, 32 — TURIM (Italia)

AVISOS IMPORTANTES

O Boletim Salesiano é uma revista ilustrada, órgão da Pia União dos Cooperadores Salesianos, e cujo objeto exclusivo é levar ao conhecimento de seus membros as obras que os Salesianos levam a cabo em seus numerosos Colegios, Escolas de Artes e Ofícios, Granjas ou Colonias Agrícolas, Oratorios Festivos, Missões de infieis, etc.: como também as obras de caridade e zélo que realizam os seus Cooperadores conforme ao Regulamento.

Para poder recebê-lo com regularidade não é preciso estar inscrito na Pia União dos Cooperadores Salesianos, nem ter recebido o Diploma de Agregação; para lucrar, porém, as indulgências abundantes concedidas pela Santa Sé aos Cooperadores Salesianos, é necessario pertencer à Pia União e observar por quanto é possível o Regulamento da mesma.

O Boletim Salesiano manda-se gratis aos Cooperadores Salesianos, e a todas as pessoas que desejarem recebê-lo e o peçam, enviando a oferta que julgassem melhor para satisfazer os gastos que a publicação e o envio postal ocasionam.

Pedimos a todas as pessoas que recebem o Boletim queiram comunicar-nos a mudança de residencia afim de que possamos remeter o nosso Periódico com certeza de encontrar o destinatario.

Recebemos com frequência listas de novos Cooperadores, e agradecemos penhoradissimos tal fineza. Uma coisa, porém, recomendamos, e é que os nomes venham por extenso e bem intelligíveis.

Algumas vezes chegam-nos cartas de Cooperadores, que nos perguntam qual o meio de que devem servir-se para mandar ao Superior Geral, ou à Administração do Boletim, esmolas para as Missões, para o Culto de Maria Auxiliadora no seu Primeiro Santuario ou para o custeio da Revista. Nós expomos varios meios: - Um deles é entregar a oferta ao Director da Casa Salesiana mais próxima, fazendo-lhe notar o fim para que a destinam; outro é mandar o dinheiro por carta registrada ou remetê-lo por vale postal com a direcção:

Sac. FELIPE RINALDI

Rua Cottolengo, 32 - TURIM (Italia).

ANO XXVIII - Número 6.

Novembro-Dezembro 1921.

BOLETIM SALESIANO

REVISTA DAS OBRAS DE DOM BOSCO

DIRECÇÃO E ADMINISTRAÇÃO: Rua Cottolengo, 32 - TURIM (Italia)

O NOSSO LUCTO

No dia 9 de Setembro faleceu em Bernal, Argentina, o Exmo. e Revmo. Sr. D. Tiago Costamagna, Bispo Titular de Colônia e Vigário Apostólico resignatário de Mendez e Gualaquiza, no Perú. O eminente Prelado era um dos maiores vultos da nossa Pia Sociedade e quem juntamente com o agora Cardinal Cagliero mais havia trabalhado pela implantação e desenvolvimento dela na América do Sul.

No dia 22 de Outubro falecia aqui no Oratório outro distinctíssimo vulto, o nosso Exmo. e Revmo. Sr. D. João Marengo, Bispo que foi de Massa-Carrara, Italia, Arcebispo Titular de E-dessa e que era então Internúncio e Delegado Extraordinário da Santa Sé junto das Repúblicas Centro-Americanas.

Estes dois luctuosíssimos acontecimentos, magoando a alma dos Filhos de D. Bosco, abalaram profundamente a do nosso venerando Superior Geral, Revmo. D. Paulo Albera, de maneira que uma semana justa após o falecimento de D. João Marengo e com a diferença apenas de meia hora, isto é, na manhã de 29 de Outubro, ele entregava também a sua bela alma a Deus quasi inesperadamente.

Este terceiro acontecimento feriu-nos

intensamente, ou melhor, chegou-nos profundamente ao vivo: D. Paulo Albera era o Segundo Sucessor de Dom Bosco, o nosso estrémecido Pae, aquele que por disposição divina ia ao temão da Pia Sociedade: era o nosso Superior Geral. Esta nossa dôr é tanto mais intensa quanto que ela agravou a orfandade dos nossos recolhidos, mormente dos meninos aceitados por ele na ocasião da passada guerra; anuviou a alegria da gárrula juventude que vive ao amparo da Sociedade e atingiu também, e não pouco, a nossos beneméritos Cooperadores, muitos dos quais tinham nele um excelente, sábio e prudente conselheiro, e todos um devotado e santo amigo e um ótimo Director Geral. O nosso lucto é, portanto, grave, imenso, tanto que, se não fossê as promessas feitas por Deus, Nosso Senhor, a nosso Ven. Fundador, este seria mesmo o caso para estarmos déveras inconsoláveis.

Contudo, graças a Aquele, que no mesmo instante que nos abate e humilha nos levanta e exalça, o lucto, que sobre nós caiu, apresenta-se-nos aos olhos do espírito não tão tétrico mas com um certo resplendor: é a esperança cristã a raiar neste caso particular do Pe. Albera na mesma certeza de que ele se acha já na mansão da glória.

Deus, Nosso Senhor, para demonstrar ao Ven. D. Bosco que a Pia Sociedade era obra das suas divinas mãos mostrou-lhe o campo de acção que para ela tinha reservado não só mas também fez-lhe conhecer quem seria o seu segundo sucessor: « Paulo Albera — disse um dia D. Bosco ao bispo de Casale — será o meu segundo. Atendendo agora a que Deus entrega as suas obras predilectas ao cuidado das pessoas ordinariamente mais dignas para a prestação desse serviço lhes concede ao menos uma parte das boas qualidades dos seus antecessores, não nos parece poder afirmar que tendo D. Paulo Albera recopiado em si a imagem de D. Bosco viva como ele agora na região da eterna luz? Não nos parece divisar no meio das espessas sombras

da morte, que nos rodeiam, o seu vulto transfigurado a ocupar o segundo lugar ao lado do imortal D. Bosco?

Mas ante os desígnios imperscrutáveis de Deus, « a este filho predilecto dos nossos Paes — assim o mesmo Pe. Albera acabava a carta com a qual participava á Pia Sociedade o falecimento de S. Excia. Revma. D. João Marengo e que nós aplicamos agora a ele — a este filho predilecto dos nossos Paes, que com tanta fidelidade reproduziu a fisionomia paterna, dirigamos, meus caros, com frequência o pensamento para susfragar a sua alma caso tivesse precisão; mas de modo especial afim de atingir ao lembrar-nos dele a energia necessária para reproduzirmos também nós a imagem da santidade de D. Bosco ».

Exmo. e Revmo. Sr. D. Paulo Albera

Reitor-mór da Pia Sociedade de S. Francisco de Sales

O anúncio da morte de D. Albera.

Na manhã de sábado, 29 de Outubro p. p. a isso das seis horas, soavam graves e compassadas no campanário da igreja de N. S. Auxiliadora tres badaladas... Momentos depois um padre, interrompendo as orações que àquela hora aos pés do altar dirigiam nossos órfãos e Irmãos á Virgem Mãe, diz triste e com voz entrecortada de lágrimas: — « Resae pela bela alma do nosso Superior Geral D. Albera, que acaba agora de voar a Deus! » — Esta nova foi um raio que nos caiu. Como é natural, o respiro a isto sustem-se na garganta de todos, e os olhos voltam-se uns para os outros pedindo, ávidos, as causas do inesperado desenlace... A pausa tem fim logo com uma exalação profunda, com um suspiro de amarga dôr... e a récita do Rosário prosegue, mas em côro mais cheio: Avé-Maria... *Requiem aeternam dona ei, Domine!*

Ao mesmo tempo a notícia corre os dilatados âmbitos da casa e de cada peito sae um aíl de todos os olhos jorram as lágrimas, do coração das mil pessoas que habitam a casa-berço da grandiosa Obra Salesiana sae uma oração. Mor-

reu D. Bosco, morreu D. Rua, morreu também D. Albera! Esta é a terceira vez que ficamos todos órfãos!

A notícia é também subitamente comunicada por telefone aos colégios salesianos mais próximos, ás autoridades eclesiásticas e civis e ás pessoas de maior intimidade do morto, e o telégrafo leva-a nas suas azas ao Santo Padre, aos colégios salesianos dispersos por Italia, Europa, América e á mesma China.

Os fieis, que com o pessoal do Oratório, assistiam aos cultos na Basílica, tempo há que divulgaram; os reitores fixaram o cartel de aviso á porta das suas igrejas e capelas; os jornais da cidade deram-no também nas loisas que tem expostas ao público á porta da redação. De uma ponta á outra da cidade de Turim não se diz outra cousa senão que morreu D. Albera, o segundo Sucessor de D. Bosco.

Visita ao cadáver.

Às 8 horas nota-se bastante movimento na praça de Maria Auxiliadora. Pessoas de toda a classe e condição invadem as escadas, os cor-



D. PAULO ALBERA

Nascido em 1845, eleito Superior Geral em 1910 e falecido a 29 de Outubro de 1921.

redores e as salas: querem ver o morto. Ele ali está em cima do leito, ao que sobrancea a imagem dolorosa de Cristo Crucificado. Veste batinha; tem a mão esquerda sobre o peito: a outra descahe-lhe naturalmente para a banda agarrando o rosário lustroso e descolorido pelo uso. Os olhos estão suavemente fechados, e os lábios parece que desfloram ainda o habitual sorriso. O rosto conserva também a sólita candura. Quantos põem nele a vista dizem: D. Albera não está morto: dorme, resa; ele não é um morto como os outros mortos: a sua nobre figura de asceta é já agora a de um santo nos esplendores do Céu.

Isto dizem os circumstantes e o proceder deles não o desmente: sem sombra de temor, que a ideia dos mortos em todos incute, ousam arrimar-se-lhe á cama, tocar-lhe no hábito, beijar-lhe a mão. Em cima da mesa de cabeceira bruxoleia uma lamparina. Grupos de Salesianos e meninos, aos que se juntam não poucas damas e cavalheiros, rezam o terço. As Irmãs de Maria Auxiliadora, sobretudo, estão inconsoláveis: quasi todas elas teem as lágrimas nos olhos. Os que se mostram, em vez, mais indiferentes são os repórteres e os fotógrafos; estes principalmente parecem mesmo insensíveis: para satisfazer suas exigências ou impertinências a turba dos filhos, agraciados e devotos tem de fazer largo; querem espaço e luz, muita luz. Pretenderão eles talvez que o retrato deste morto desengane aos vivos? Quem dera! Mas ele, ao menos a nós, não nos faz falta: os bons exemplos de D. Albera não se nos riscarão nunca da memória.

A visita ao cadáver por estabelecimentos de educação, por directores de empresas e pessoas gradas da sociedade taurinense é já de praxe: não falta o Prefeito, o qual foi nisto dos mais diligentes. Ao retirarem-se, os visitantes deitam seu cartão nas bandejas, que são por diversas vezes despejadas em caixas, ou firmam nos livros, e, se a comoção lhes não embarga a voz, repetem: — D. Albera não está morto: dorme!

A doença de D. Albera.

Na última primavera D. Albera tinha ido á França em visita aos Colégios Salesianos, sendo a sua intenção visitar também os da martirizada Bélgica; mas ao chegar a Lião sentiu-se tão extenuado que teve de voltar para traz. O verão foi desastroso. Acometia-o a miúdo uma ância ou afan que lhe tolhia a voz e ainda a respiração. Esta ância manifestava-se de modo particular em certas ocasiões: o bom padre deixava-se comover por um tudo-nada, chorava e não falava mais. Assim há meses, ao impôr o hábito a uns estudantes que iam para os Esta-

dos Unidos do Norte, salteou-o o pensamento de que, dada a sua idade, não tornaria a ver nunca mais aqueles seus filhos; começou a chorar, enmudeceu e não pôde terminar a função.

Na ante-véspera da festa de S. Pedro e S. Pauló e, por consequente, do seu onomástico, além do afan do costume atacou-o um certo qual entorpecimento do lado esquerdo do corpo que o impossibilitava quasi de andar. Veiu o médico e disse que aquilo era parese ou paralisia progressiva; tendo-o examinado melhor depois, afirmou que era arteriosclerose. Recomendou portanto aos familiares que tiveram muito cuidado com ele, que o vigiassem continuamente, porque quando parecesse estar melhor desapareceria deste mundo. Em consequência de tão tristes prognósticos as festas organisadas em sua honra nos dias 28 e 29 de Junho saíram bastante enlutadas.

Apesar disto melhorou de maneira que parecia não haver já mais nada. D. Albera, qual esforçado capitão, não faltou nem um dia sequer de atender ao onus pesadíssimo da direcção da Pia Sociedade; todos os dias, das 9 horas da manhã até ao meio dia, abria o escritório e dava audiência á quantos a solicitavam. No dia 28 de Outubro, véspera da sua morte, quem estas linhas escreve conduziu á sua presença um angustiado matrimonio, que tinha feito uma viagem de mais de mil quilómetros para agradecer a N. S. Auxiliadora o ter livrado em princípios do ano e á vista de olhos um dos cônjuges de irremediável grangrena e para impetrar da mesma poderosa Intercessora deante de Deus a libertação de mortal enfermidade que ao mesmo de aí a pouco se lhe aninhara no peito. D. Albera era estimado por santo; a visita durou, pois, muito tempo e teve instantes lancinantes. Finalmente acabou, e como não se manifestaram os terríveis sintomas, julgou o introdutor que ele ia perfeitamente bem. Durante toda a tarde esteve contentíssimo pensando na viagem que dali a tres dias faria á Cidade Eterna. Contudo a sentença do sábio galeno permanecia ainda como nuvem negra arrumada na linha do horizonte qual certo prenúncio de próxima e fatal tormenta.

Como morreu D. Albera.

A noite de 28 a 29, para não destoar das que geralmente passava, foi, por razão da sua idade, de insónia. Conforme costumava levantou-se ás 4 e 15 minutos da manhã para com a santa missa dar logo principio ao dia. Assim que esteve a pé sentiu-se desfalecer. O familiar, que o vigiava, percebeu que o coração latejava-lhe com muita força; as marteladas dos palpites,

repercutindo na garganta, cortavam-lhe por momentos a respiração. « Queria dizer missa, — disse D. Albera — mas estou vendo que não me posso ter em pé...! Em que estado me acho!... »

Foi constringido a deitar-se outra vez. A anciedade aumentava, o coração batia cada vez mais forte e descompassado: o doente estava sem fala. Nisto passa-se aviso aos Superiores do Conselho da Pia Sociedade que acorrem imediatamente. Enquanto não chegam os médicos administra-se-lhe a Extrema-Unção. D. Albera, perfeitamente cõscio do seu estado, jazia calmo e sereno respondendo com a mão ao que se lhe dizia, e passeando a vista de vez enquando sobre os que, angustiados, o rodeavam. Mas a mão deteve-se para não se mover mais, os olhos ficaram quedos, o estertor começou a arquejar-lhe no peito: D. Albera já não entendia nada. Os membros do Conselho Superior mais os familiares, cravados os olhos no moribundo, que ia-se apagando como uma alâmpada, recitavam, chorosos, as Ladainhas e as preces dos agonisantes. A agonia durou uma hora, ao cabo da qual a alma do bom Pe. Albera, desligando-se do corpo, que a prendia á terra, alçou lesto o vôo para a eterna mansão.

Quando se trata de assinalar o logar ás almas das pessoas caras, que se nos evolvem dos braços, os homens, prevenindo os destinos divinos, são todos sempre muito bons; nós, porém, os cristãos, guiados exclusivamente pelo critério que nos legou a Suprema Sabedoria somos a respeito disto mais exactos, e descansamos seguros ao considerar a relação, que nunca falta, do tempo da existência com o final de ela. E' que a vida é irmã natural da morte e esta é o eco fiel daquela. Falando de D. Albera esta relação corrobora-se... O cartão de pêsame de um titular, depositado numa bandeja, dizia assim: « Com a morte de D. Albera eu e a minha família ganhamos um protector no Céu ».

Na capela ardente.

Triste, imensamente triste foi a remoção do venerando extinto para a capela ardente ás 2 horas e 1/2 da tarde. A fúnebre comitiva era desaparatosa de todo: nela não ia sequer a cruz; mas nem por isto a desluziam as lágrimas que corriam a fio dos olhos dos órfãos (que o eram todos: alunos e Irmãos), e as preces que todos iam recitando conforme podiam. Passando por corredores e escadas, o cortejo safu de casa, atravessou a Rua Cottolengo e entrou na capela sucursal da Basílica de N. S. Auxiliadora armada de preto. No meio, entre seis brandões e rodeado de vasos com palmeiras naturais,

ergue-se o catafalco e sobre ele é colocado o féretro.

D. Albera está amortalhado com a veste talar e tem agora a mais o roquete e a estola. Conserva ainda a mesma côr e a mesma expressão de suave bondade que tinha em vida: por isso o concurso de gente para ver um morto que não dá medo pelos vislumbres da glória, que deixa trespassar, é cada vez maior. Uma das cousas que o Ven. D. Bosco tinha pedido a Deus quando estava ainda neste mundo foi de não amedrontar os vivos depois de morto. Terá por ventura D. Albera feito a Deus a mesma súplica ou o Fundador, que o havia escolhido « seu segundo » lhe terá alcançado esta graça em prêmio de ter seguido até ao fim as suas pègadas?

Vox populi...

A capela ficou aberta até ás 19 horas da noite e desde as 5 horas da manhã até ás 12 do dia 30. Enquanto o bom Padre dorme na serenidade da morte, que alguém ousaria chamar de santo, desfila triste por deante dele a turba dos fieis. Os registros enchem-se de firmas de autoridades, de sacerdotes, de elevadas personagens e de populares: entre elas acham-se as de Mons. Scapardini, ex-núncio do Brasil, — Mons. Pignardi, bispo auxiliar de Turim, — e de Mons. Maserà, bispo de Colle Val d'Elsa. Veem orar ante o cadáver os Emmos. Cardeal Richelmy e Cardeal Cagliarió — Mons. Perlo, bispo de Kenia, — o Síndico da cidade com os vereadores Zanzi, Giay, Gribaudi e Bona e parte do corpo consular.

De noite velam o cadáver os Salesianos, as Filhas de Maria Auxiliadora e os Cooperadores. Formam a guarda de honra os Antigos Alunos do Oratório, Círculo « *Auxilium* », União Paes de Família de S. Paulo, Círculo « *D. Albera* », União Martinetto, União S. Luis e S. José e Círculo « *João Bosco* ».

Mas no relevo de tantas personagens quem mais destaca é o povo crente e de fervorosa piedade. Para ele D. Albera não é um padre de tantos nem só o Superior Geral de uma Sociedade que outra cousa não anela e que para outra cousa não vive senão para fazer bem á classe pobre e indigente. D. Albera tem para ele mais atractivos que a faustosa presença dos que se dá em dizer super-homens que presidem os destinos dos povos, e que o mesmo esplendor que revestem as pessoas das classes hierárquicas mais elevadas. Escreve um conceituado periódico: « No templo, na escola, no limiar duma oficina, num pátio onde estrugem só a gritaria e os cantos de despreocupada juventude, entre

o povo baixo e intrigante, no meio das mulhersinhas á porta do seu Santuário, em companhia da púrpura e da mitra episcopal em presença dos príncipes de sangue, dos ministros do rei e dos chamados poderosos da terra, D. Paulo Albera, embora fisicamente pequeno, tremente e um pouco encurvado para a terra; impunha-se e dominava sobre todos». Ora isto sabia-o muito bem o povo de Turim sem que ninguém lh'o dissera, mas conduzido apenas pelo seu instinto natural, quando não impulsado por uma luz que a Suprema Sabedoria concede as mais das vezes aos pequeninos. Não queremos afirmar com isto que as pessoas de elevada condição vinham só para ver o homem que estava á frente de uma associação numerosa que radica já em todas as partes do globo; mas isto não podemos suspeitá-lo sequer de leve do povo que conhecia a D. Albera de perto e sabia alguns particulares da sua vida. Enquanto os magnates desfiliam ante seu féretro murmurando uma prece, o povo fica horas esquecidas em torno dele sumido em profunda dôr e rezando em côro; e quando alfim se vê precisado a afastar-se, como lembrança que lhe possa dar préstimo em dias maus toca nele, naquelas mãos que levantaram-se sempre para o consolar e abençoar, rosários, livros de devoção, lenços, retratos, relógios de bolso e outros objectos. É que o corpo, embora exámine, dos justos é como a pedra do deserto que Moisés feriu com a sua vara milagrosa e que brotou agua em abundância que se formaram torrentes. A Igreja reconhece isto e o povo admite-o.

A apoteose.

Apoteose, assim com todas as letras, chamou o jornal — *Il Momento* — á transferência do cadáver de D. Albera da capela sucursal para a Basílica de N. S. Auxiliadora: apoteose chamamo-la também nós.

Pelas 2 horas da tarde do dia 30 começaram a desembocar no pátio grande do Oratório as primeiras agremiações enquanto na praça deante do Santuário se vae juntando a gente até parecer aquilo já ás 2 e meia um mar de cabeças. As autoridades vão chegando aos poucos, passando a firmar o pergaminho ou fé de autenticidade que, depois de fechado num tubo de vidro, será metido no caixão do extinto.

No átrio da igreja sucursal acham-se os parentes de D. Albera vindos de None, Vigone e Pinerolo para dar o último adeus ao preclaro membro: são mulhersinhas e homens de mãos calosas e com o rosto de côr adusta empregados no mister da lavoura. Eles á vista de tantos personagens ficam atônitos, e fazem largo á

passagem dos que vêem mais encopados. Estas mulhersinhas, diz-nos um repórter, falam do seu chegado todas lacrimosas e recomendam-se a ele como a um santo.

No pátio do Oratório há já formados centenaes de círculos de jovens de ambos os sexos da cidade e arredores, todos com as suas bandeiras que dão já a ideia de uma verdadeira floresta. Ao lado destes estão as Secções de Operários Católicos, os colégios, as escolas, os recreatórios, as sociedades, etc., todos também com os seus pendões, que é impossível enumerar. Em vista da enorme concorrência a comissão organisadora do enterro aumenta o número das ruas do percurso.

Abrem o préstito forças do Município e de Segurança Pública. Seguem depois os Orfãos da guerra, os Oratórios de Monte Rosa, São Paulo, Valsállice e Martinetto, as meninas oratorianas, as Filhas de Lião e conventos, associações e irmandades femininas aos centenaes. Sucedem es oratórios de S. José, S. Luis e S. Francisco, os Colégios de Martinetto e de S. João Evangelista. Detraz destes veem os Ex-alunos, o Círculo « *Mazzarello* », as Mulheres Católicas, as Damas de Maria Auxiliadora, os Normalistas de Valsállice, os alunos internos do Oratório, os Pequenos Artistas, os meninos do Jardinsinho, as Mães Cristãs, as Filhas de Maria, as Irmãs, as Filhas de Maria Auxiliadora e o Clero. Depois de hora e meia que o préstito deitou a andar é que sae o cadáver. Oito padres salesianos: um italiano, um alemão, um argentino, um espanhol, um uruguaiano, um brasileiro, um polaco e um checo-esloveno estão encarregados de o removerem da capela ardente ao coche fúnebre e deste á Basílica. Fazem parte do clero, além dos padres Salesianos, os párocos da cidade, indo no meio deles os Exmos. e Revmos. Prelados vestidos de Pontifical e com seu séquito cada um. A guarda de honra prestam-na quatro maceiros do Governo Civil, os órfãos de guerra de Monte Olivet e os alunos do Colégio de Lanzo. Pegam nos cordões do caixão o Procurador Geral do Tribunal Supremo, o Síndico da cidade, o Vice-governador Civil, o Senador Conde Rebaudengo mais o deputado D. Xavier Fino como representantes dos Cooperadores Salesianos, o Procurador Geral da Sociedade junto da Santa Sé em nome dos Salesianos, Mons. Maffei no do Clero Taurinense e o Sr. Advogado Felix Maseria mais o vice-questor Tabusso pelos Ex-alunos.

Detraz do coche veem o Conselho Superior da Pia Sociedade, a Família do Pe. Albera, um salesiano de cada nação, os representantes da Casa Real, do Senado, Parlamento, Tribunal Supremo, Tribunal de Relação, da Provedoria

de Estudos, Câmara Provincial; do Governo Civil, Cônsules do Brazil, França, Polonia, Argentina e Chile, representantes do Emmo. Cardeal Richelmy, do Cabido, do Prepósito dos Jesuitas, o Superior Geral e assistentes dos Irmãos Maristas, Direcções de todas as sociedades católicas de Turim, os Paes de Família do Oratório S. Paulo com uma corôa de flores naturais, etc. etc. Formam o coice a Juventude

cortejo ou vêem-no passar rezam em voz alta o rosário e o *De profundis*. Mas este é o costume nesta terra, conhecida lá fóra só pelas lutas partidárias da actualidade e pelo sectarismo oficial de há muito, mas ignorada pela liberdade que nela se dá de manifestar externamente e nas ruas em circumstanciasd esta índole a sua profunda religiosidade.

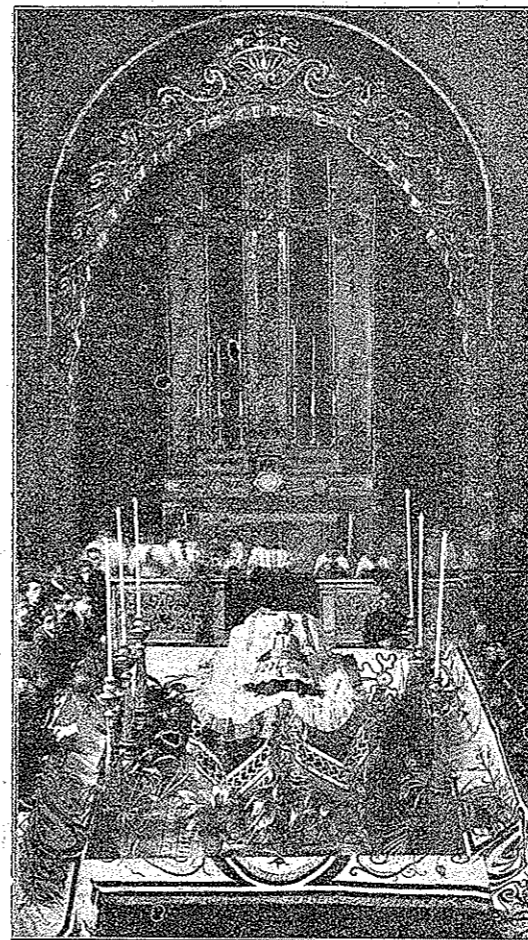
« Turim — diz o já citado jornal — nos grandes dias do reconhecimento e da piedade cristã é grande e admirável. Raras vezes o taurinense interrompe o ritmo do tráfeço: cheio de história e de experiência, com um fundo de tranqüila ironia na alma, não se abandona facilmente ao delírio dos entusiasmos. Para o taurinense, seja qual fór a escala a que pertença, não regem decretos de triunfo se disto não está ele já persuadido e convencido. Ele desconfia das cousas de um instante, mas venera as santas e eternas. Mas quando quer honrar um concidadão benemérito: quando afirma publicamente a sua gratidão a Deus ou testemunha o seu amor ardente e secular para com a Pátria, o « *medroso* » move-se e contorce-se todo; e em suas manifestações apresenta-se affectuoso, comovido e lírico. O indivíduo desaparece, e nas ruas e praças, por debaixo dos castanheiros da India, que aformoseiam as avenidas, aglomeram-se e agitam-se os cidadãos resando, cantando e abençoando. Toda a cidade das 3 ás 6 horas da tarde do dia 30 de Novembro transformou-se num imenso e soberbo templo cujo zimbório magnífico era a capa atmosférica de puro azul. 50.000 pessoas iam no cortejo resando, e 150.000 faziam-lhes côro vendo-as passar ».

A absolvição.

Passadas tres horas de piedoso lirismo e triunfo chegou o coche fúnebre, que conduzia o cadáver, ao Santuário de N. S. Auxiliadora. Todos os colégios, comunidades, sociedades e corporações foram para dentro dos pátios: na Basílica entraram só as autoridades. O féretro foi recebido á porta pelo Emmo. Cardeal Cagliero: depositado na eça, cantou-se o *Libera me*, dando-se-lhe por último a absolvição. E mais nada: a cerimônia constou unicamente de orações; não houve discursos. « Mas para a falta que eles faziam, diz um comentarista? Por ventura não era D. Albera conhecido? E se o não era, como explicar á imponente e majestosa apoteose que lhe foi tributada? »

Exéquias.

Na segunda-feira, 31, foram as exéquias de corpo presente. Pontificou á missa o Emmo. Cardeal Cagliero e assistiram de pontifical os



A capela ardente.

Católica e os Operários Católicos de Turim e um rio de pessoas amigas da Obra Salesiana ou devotas do Revmo. Sr D. Albera. A circulação dos eléctricos, automóveis e de quaisquer veículos está por completo interrompida. O povoleu cobre os passeios; as sacadas e janelas estão cheias de curiosos; muita gente, que habita em aguas-furtadas, saíu para os telhados.

A esta imponente manifestação de dô, simpatia, admiração e devoção ao Superior Geral da Sociedade Salesiana é a piedade aquilo que mais realce lhe dá. Quantos vão no fúnebre

Exmos. e Revmos. Mons. Pinardi, Mons. Maserà, Mons. Perlo e Mons. Scapardini. Estiveram aos officios as autoridades da véspera, bem como os representantes das associações e entidades católicas taurinenses com bandeira.

O último adeus.

A's 2 horas da tarde foi a despedida a portas fechadas ao extremo Pae. Antes de ser soldada a tampa do caixão desfilaram ante ele chorosos todos os Irmãos Salesianos e órfãos do Oratório mais dos colégios mais próximos. O cadáver de D. Albera estava ainda como quando morreu. S. Emcía. o Cardeal Cagliero depositou no caixão o tubo com o pergaminho de fé de autenticidade, fechou-o e selou-o. O pergaminho diz assim:

Em nome de Deus Amen. A piedade dos Filhos acondicionou neste atáude os despojos do pranteado e saudoso Pe. Paulo Albera, nascido em Nona a 6 de Junho de 1845, eleito Reitor-mór da Pia Sociedade Salesiana a 16 de Agosto de 1910, falecido no Oratório Salesiano a 29 de Outubro de 1921, ano VII do Pontificado de Bento XV e XXII do reinado de Vitor Manuel III de Savoia, governando a Arquidiocese de Turim o Emmo. Cardeal Richelmy.

Segundo Sucesor do Ven. D. Bosco, consolidou e ampliou no mundo a obra dos seus predecessores, fundou novas missões, adoptou grande número de órfãos da guerra, assistiu á apoteose civil do seu venerável Pae a quando a inauguração do monumento; ao celebrar o quinquagésimo aniversário da sua ordenação sacerdotal ficou seu nome entrelaçado com o jubileu de N. S. Auxiliadora.»

O féretro foi levado para Valsállice num carro-tumba para receber lá sepultura ao lado de D. Bosco e de D. Rua.

Valsállice.

Ao sul de Turim, limitando a cidade e a planície onde aquella se ergue, corre manso e majestoso por entre plátanos e choupos o rio Pó. Logo depois vão-se solevando amenas colinas com palácios e chalés a romperem o arvoredor, sobrepujando a todas como rainha a colina de Superga onde se acha o panteon da família real italiana. Pois na encosta duma destas pequenas eminências, e precisamente da primeira que está logo depois da ponte monumental sobre o rio Pó, está entre outras a Casa das Missões Extranjeiras fundada pelo Ven. Dom Bosco e que ele escolheu já em vida para ser o lugar de descanso dos seus restos. Este remanso chama-se Valsállice, palavra que quer dizer *vale dos salgueiros* por causa da abun-

dância destas arvores que ladeiam o ribeiro que passa á sua beira.

Para aqui, pois, onde descansa o Fundador da Pia Sociedade aguardando o dia da solene canonisação, tendo ao lado aquele que escolhera como seu primeiro sucessor, foi trazido também o cadáver do que havia designado «*seu segundo*».

Após a última absolvição dada pelo Emmo. Cardeal Cagliero no meio de numeroso clero e dos maiores amigos da nossa Obra em Turim foi D. Albera encerrado na cripta que está á esquerda de D. Bosco. «*Aqui está, pois, ele — diz o Sr. deputado Xavier Fino; — aqui repouza agora aquele que nunca soube o que era descanso, que jámais cessou de fazer bem e de se sacrificar pelos outros nas aras da caridade. Nesta cripta está quedo alfim o coração que latejou continuamente para todas as misérias e para todas as desgraças: dorme o sono dos justos. Mas com o Ven. D. Bosco e D. Rua ele velará, qual anjo de paz, pela sua Sociedade, pelos seus órfãos, pelos seus Cooperadores e pelos seus bemfeitores; ele continuará desde o céu a missão que desempenhou na terra: o santo apostolado da fraternidade e do amor*». Ele repouza aqui. «*Milhões de cristãos de Africa, América e Austrália — diz um publicista — resarão hoje e amanhã a D. Albera lembrados do que dele disse um dia o maravilhoso criador da Instituição Salesiana: — D. Albera é homem que fará milagres.*»

IMPORTANTE.

Roga-se aos Srs. Cooperadores queiram dirigir toda a correspondência ao Revmo. Sr. D. FELIPE RINALDI, Prefeito Geral da Pia Sociedade, Rua Cottolengo, 32 - TURIM (Italia).

* * *

Roga-se outrosim peçam a Deus, N. S. para cuja gloria trabalhamos, e á sua bendita Mãe, Maria Auxiliadora, nos concedam um novo Pae, dotado do verdadeiro espirito de D. Bosco. A eleição dele realizar-se-á, não havendo nada em contrario, no dia 24 de Abril do ano próximo.

Exmo. e Revmo. Sr. D. Tiago Costamagna

Bispo titular de Colónia, em Arménia, e Vigário Apostólico resignatário de Mendez e Gualaquiza.

Com morte plácida e serena acompanhada de ardentes aspirações do Céu, recreada com a suave melodia de música litúrgica e com a toada de mística poesia, e confortada mais que tudo pela protecção de N. S. Auxiliadora, que na hora

compositor de música sagrada e recreativa. Viveu cinquenta e tres anos de sacerdócio, quarenta e quatro anos de missão, vinte e seis anos de episcopado, passados na mais enérgica actividade e sem um instante de trégua, recomendando o trabalho a todos e animando e dirigindo a operosidade de todos aqueles que conviviam com ele; toda a sua acção estava completamente subordinada á disciplina imposta pela vida reli-



As associações católicas no pátio grande do Oratório antes do funeral.

extrema da vida se manifesta aos olhos dos seus verdadeiros devotos, morreu a 9 de Setembro p. p. no Seminário Salesiano de Bernal (Buenos Aires), este digníssimo Prelado, aluno que foi do Ven. D. Bosco, companheiro de Mons. Cagliero e de D. Albera, Vigário de D. Rua em todas as Inspectorias do Pacífico, director iluminado das almas, apóstolo incansável dos Jívaros de Mendez e Gualaquiza, mestre de um sem-número de sacerdotes salesianos e de Filhas de Maria Auxiliadora, Pae de inumeráveis meninos e meninas recolhidos á sombra dos colégios que fundou, escritor de livros de ascética e moral e

giosa, ás obrigações do S. Ministério, e no tocante á educação das crianças era de todo conforme aos ditames e ensinamentos do eminente pedagogo e insigne apóstolo da juventude, o Ven. D. Bosco.

Desde que poz os pés no solo Argentino até ao derradeiro respiro todos quantos apreçavam o seu lavor iam-lhe repetindo a miudo que não trabalhasse demasiado: assim o bom Reitor do Seminário de Buenos Aires desde o ano 1878 como também os discípulos que se avisinham anciosos do leito da sua última enfermidade; ele, porém, longe de dar ouvidos a esta recomen-

dação que parecia agora justificar-se com o grande número de braços que o seu zelo industrioso e incessante apostolado fizera germinar, respondia como o seu Ven. Pae: «Trabalho, trabalho, e trabalho. Descansaremos depois no Céu!»

Provas deste zelo e apostolado são as cincoenta e oito Casas Salesianas da República Argentina dirigidas em máxima parte por pessoal formado pelo Inspector Mons. Tiago Costamagna agora de feliz memória; e uma pleiade de ex-alunos espalhados por todas as cidades e povoações da imensa república devem a sua educação e posição social á sabia direcção do illustre filho de D. Bosco. Outro tanto se poderia dizer dos trinta e cinco colégios das Filhas de Maria Auxiliadora, das copiosas secções de ex-alunos e de inúmeras famílias levantadas sobre a sólida, santa e vivificadora base da educação cristã dada por ambas as Famílias de D. Bosco. Raras vezes se vê uma corda fúnebre feita com as variegadas e cheirosas flores de tantos estabelecimentos e jardins de educação disseminados por Argentina, Chile, Uruguái, Bolívia, Perú, Equador, México, S. Salvador, etc., onde tanto professores como alunos plasmaram o coração e a intelligencia pelos moldes deste indefesso salesiano.

S. Excia. Revma. Mons. Francisco Alberti, Auxiliar do Arcebispo de Buenos Aires e ex-aluno do Colégio «*Mater Misericordiae*» debaixo da direcção espiritual de D. Tiago Costamagna, ao serem depositos os restos no sepulcro de Bernal teceu o elogio fúnebre relevando a doçura, prudência e paciência do finado para com os alunos e fieis que nele depositavam os segredos da consciência e trilhavam as vias indicadas pelo sábio e experimentado pastor das almas.

Sob a capa um tanto áspera de aparente severidade ocultava ele um coração de mãe, pois bastava tratar directamente com ele algum tempo para certificarse da delicadeza das suas maneiras e da claridade e precisão do seu modo de ajuizar doutrinario e moral.

Onde ele era intransigente, e em bom direito, era em matéria de modas irracionais que ousam introduzir-se até no templo e aproximar-se do altar, ostentando a mais repugnante voluptuosidade ao pé do confessional e na mesma grade da comunhão. Mas não é talvez próprio de um missionário e de um bispo anatematizar semelhantes abusos em qualquer tempo e lugar? Não está no direito do sacerdote educador clamar ante a juventude que toma escândalo e se perverte contra esse novo meio de corrupção que se infiltra na família, entra na escola e se anda estadeando pela sociedade? D. Tiago Costamagna não pode nem quiz estar em silencio; e a sua contínua insistência e pertinaz intolerância calaram profundamente no ânimo dos bons cató-

licos honrados e zelosos da honestidade de costumes da juventude.

O estimado Prelado ensinava e praticava: impunha-se a si primeiro aquilo que havia de exigir depois dos outros. Cuidava com disvelo do cumprimento dos devêres eclesiásticos e da observância religiosa: queria que os ritos sagrados, as cerimónias do culto, o canto eclesiástico, as funções religiosas, o ornamento dos altares, os paramentos sacerdotais, enfim tudo o que se refere a Deus e á Igreja saísse e fôsse o melhor possível.

Não deixava, pois, de animar ou corrigir conforme as circunstâncias, suavizando a admoestação quando descobria boa vontade em estar ás prescrições eclesiásticas. Em conformidade com isto as suas últimas obras fôrão — *O Tesouro Litúrgico* e os *Cantos sagrados para o mez de Maria* — cuja revisão e publicação lhe causaram os ataques de coração, que acabaram com ele, em vista da extremada diligência que nelas poz só para podê-las oferecer quanto antes aos eclesiásticos, religiosos e ás pessoas pias. Sem descer a particularidades das outras produções, que accusam a profunda erudição eclesiástica que ele possuía, as conferências a pessoas religiosas; o abundante e variado repertório de música sagrada e cantos recreativos; as amenas e interessantes relações das suas viagens e excursões apostólicas através da Patagónia, dos Pampas, pela Bolívia, Perú, Equador, México, etc., que constituem um preciosíssimo tesouro de notícias históricas e geográficas e provam até á saciedade o zelo infatigável e a grande aptidão que ele tinha para a evangelisação dos povos; unido tudo isto á numerosa correspondência epistolar que despachava com esmerado cuidado, dá-nos uma ideia do excessivo trabalho e da maravilhosa fecundidade espiritual deste varão apostólico.

Alfim teve ele que render-se, porque o seu corpo alquebrado e o seu coração exausto tiveram de se impôr á sua vontade de ferro e de bradar-lhe: «*Já não podemos mais!*» Foi então que deitou os olhos ao caminho percorrido para escolher o lugar onde mais tranquillidade espiritual havia e aperceber-se para a morte, que já via perto.

Apresentou ao Santo Padre a renúncia de Vigário Apostólico de Mendez e Gualaquiza, no exercício de cujo cargo permanecera vinte e cinco anos, se bem continuasse a recolher esmolas para os Jivaros e que enviava a Mons. Comin com toda a religiosidade. «*Eu* — escrevia ao Revmo. Sr. Pe. Albera numa das suas cartas — *continuo a mandar a Mons. Comin, conforme prometi a S. Santidade, todas as economias e ofertas que posso recolher, pregando exercícos, tríduos, etc., e noutras partes do S. Ministério*».

Livre depois, de toda a responsabilidade, lá se foi (são suas palavras) *preparar para a morte* no querido colégio de Almagro (Buenos Aires), e no torrão predilecto de Bernal que eram para ele *Valdocco* e *Valsábice*. Coincidia o último período da sua vida com as suas Bodas de Ouro Sacerdotais e o primeiro Jubileu Episcopal: logo que transpoz esses dias entou o *Nunc dimittis*.

Os seus desejos estavam já todos cumpridos: via-se agora circundado de duas gerações de filhos espirituais, nos que transfundira o carinho a D. Bosco, á Pia Sociedade e á santa vocação, fazendo-os herdeiros do seu espírito e proseguidores da sua missão. Era qual Patriarca que ia de uma família de D. Bosco á outra sem nunca chegar a contar os filhos e as filhas do seu futuro apostolado.

As suas delicias eram, segundo lemos na segunda edição de «*Compelle intrare*» pregar acerca da SS. Eucaristia, promover a comunhão diária e cantar os louvores de Maria Auxiliadora.

Mas onde o seu coração se desafogava — escreve o Inspector Pe. José Vespignani — era especialmente nas *Meditações* e *Instruções*, dos Exercícios espirituais que fazia aos estudantes e coadjutores da Pia Sociedade. Não havia quem ficasse indiferente á vista do espírito de fé, de piedade e de santo temor de Deus que transluzia da sua vibrante eloquência, e que fazia que ele se assemelhasse a S. Vicente Ferrer, a S. Leonardo e a Santo Alfonso. Alguem dizia que trovejava como o filho do trovão S. Tiago, cujo nome ele tinha: mas trovejava rijo e a propósito, pois que a chuva da graça caía com abundância na consciência de todos, tendendo-se nela ao fim o arco-iris.

Os últimos dias da sua vida fôrão um contínuo suspirar pelos gosos eternos: no pequeno quarto que está pegado á capela do Seminário Salesiano de Bernal, e onde o santo Prelado veiu a falecer, tudo era música e harmonia do Céu. Desejou que os estudantes, que alternadamente dia e noite o assistiam lhe cantaram lóas á Virgem, hinos eucarísticos, cânticos litúrgicos, e chegou a tanto nisto a sua afeição pela música que obteve que um dos cantores lhe cantara em gregoriano toda a missa dos defuntos mais o invitatório, os responsórios e as antifonas do relativo officio afim de meditar ainda uma vez e saborear melhor dentro em si a sagrada liturgia. A meia noite findava o canto e começava a preparar-se para a S. Comunhão por meio de orações e piedosos desejos ou jaculatórias.

No dia da Natividade de N. Senhora, 8 de Setembro, ajuntaram-se após a Comunhão por debaixo do seu quarto todos os estudantes de Filosofia, e executaram a *Salve* que ele tinha

composto e que dizia ter ouvido um dia da boca da sua mãe. A aquele canto angélico num dia de tão caras lambranças comoveu-se assás o moribundo e pensou que a SS. Virgem mesma era quem o convidava a deixar este vale de pranto. Passou alegre todo o dia, recebendo o conforto de ter a primeira cópia do seu último trabalho, o novo *Mez de Maria*; á noite descansou até ás duas horas da manhã. Pediu depois que se querrá levantar e venceu a opposição de quem o assistia dizendo que Mons. Ferrero, seu grande amigo, tinha morrido de pé. Uma hora depois começou-se a agitar... estava no fio: passados dous minutos expirou no Senhor.

Assim vão os servos de Deus. Tinha 76 anos, expendidos por completo na salvação das almas, no bem da juventude e no melhoramento da sociedade civil.

O Exmo. e Revmo. Sr. D. Tiago Costamagna tinha a Argentina por sua segunda pátria como tantos missionários que á pátria natural, que os viu nascer, preferem a espiritual do seu apostolado. Na Argentina escolheu ele com preferência *Almagro* porque lhe representava toda a Obra de D. Bosco, e em *Bernal* quiz acabar seus dias por ser aqui onde cresce o novo pessoal salesiano e se forma o espírito dos novos filhos de D. Bosco.

Aqui, na capela do Seminário, foi também sepultado. Sobre a sua loisa esculpir-se-ão as palavras bíblicas: — *Haec requies mea! Hic habitabo quoniam elegi eam!* — Aqui será o meu repouso! Aqui habitarei porque escolhi este lugar!

Assim seus restos falarão aos novos reclutas Salesianos da Argentina estimulando-os a seguir-lhe os passos nas contínuas lides por Deus e pelas almas.

* *

Naceu o Exmo. e Revmo. Sr. D. Tiago Costamagna em Caramagna do Piemonte no dia 23 de Março de 1846. No dia 8 de Dezembro de 1858, ano da aparição da Imaculada Mãe de Deus em Lourdes, entrou em qualidade de aluno no Oratório de S. Francisco de Sales á testa do qual estava aquele que o havia fundado, D. Bosco, e que era então o apóstolo da Italia.

Aqui, onde ainda se respirava a fragrância das virtudes do angélico Domingos Savio, falecido um ano antes, se encontrou com muitos jovens que como ele haviam de ser ao deante o esplendor da Pia Sociedade Salesiana, e admiraram nele a par do aproveitamento scientifico e literário o candor dos seus costumes e a sua piedade.

Feito Salesiano, mandou-o o Ven. D. Bosco ao colégio de Lanzo para exercer af o cargo de professor, sendo ordenado sacerdote em Se-

tembro de 1868. Deixou Italia com a terceira expedição de missionários em 1877, e dois anos depois, isto é, em 1879, unindo-se á expedição do General Julio Roca penetrava na Patagônia com o único intento da evangelisação.

Tendo sido em 1880 nomeado Inspector dos Salesianos de Argentina deu grande impulso á Obra realisando doze fundações. A ele se devem também os dois colégios de La Paz e de Sucre na Bolívia, e para opôr um dique á má imprensa a fundação das Leituras Católicas em Buenos Aires.

Os seus méritos foram dignamente reconhecidos pela Santa Sé, pois a 18 de Março de 1895 S. S. Leão XIII preconizou-o Bispo titular de Colónia, em Arménia, e Vigário Apostólico de Mendez e Gualaquiza, Equador.

Consagrado no dia 23 de Maio do mesmo ano em Turim por Mons. David Riccardi, arcebispo da mesma cidade, recorreu imediatamente todas as cidades da Italia colectando abundantes esmolas com as quais organisou uma grandiosa e brilhante expedição de missionários, agrónomos e artistas e um instrumental variado e completo de várias artes e officios para com todos estes poderosíssimos recursos dar um soberano impulso ás missões de Mendez e Gualaquiza. « Mas, oh! desgraça que nunca se lamentará bastante! — exclama *El Progreso* de Conca — Quando o Exmo. e Revmo. Sr. D. Tiago Costamagna chegou a Callao com esse numeroso séquito de operários da verdadeira civilisação, o radicalismo já se tinha apoderado da nossa República e o General Alfaro impediu a entrada ao missionário no Equador, sendo os recursos destinados a este solo empregados no maior engrandecimento do Perú. Foi prohibido ao Prelado entrar na República por muitos anos; e quando ancião venerando e falto de forças obteve licença para cá entrar, ele soube achar ainda nas energias do seu espirito vida e recursos para pôr a Missão Salesiana de Mendez e Gualaquiza no grau de prosperidade em que actualmente se encontra. Para isto recorreu, como ao princípio na Italia, todas as repúblicas do Continente Americano, e não descansou até que não dotou a Missão da Casa Central de Missionários Salesianos de Conca para dest'arte assegurá-la de bons evangelisadores ». « Onde se achará — observa *El Obreiro Azuayo* — senão no seio da Igreja Católica homens deste entalhe que, sem fazer caso de achaques da velhice nem aduzir incomodidades, sacrificando o repouso e a tranquilidade que parecia reclamar o mesmo decoro episcopal, aceitem as fadigas de uma eterna peregrinação e um cosmopolitismo perpétuo afim de beneficiar com o óbolo penosamente recolhido em estranhas e remotas nações um paiz que não os viu

nascêr, mas ao qual eles amam mais do que a si mesmos em força do vínculo sobrenatural que alguma vez os ligara a ele? ¡É admirável que enquanto a impiedade os calunia e persegue até prohibir-lhes a entrada na República, abre de par em par as portas á basófia social que as outras nações rechassam como elementos de corrupção e de peste! Quanto não lhe deve o Equador e sobretudo o Vicariato de Mendez e Gualaquiza, cuja casa central se construiu em Conca graças aos recursos ajuntados por este Apóstolo da evangelisação cristã! ¡Na mesma construção da estrada de Pan a Oriente, que havia de ser feita toda a expensas do Governo, foi invertida parte desse dinheiro, fruto das peregrinações do illustre Bispo falecido! »

« O desaparecimento, pois, de tão insigne Prelado — acrescenta *La Patria degli Italiani* de Buenos Aires — illustre pela sua piedade, pelo zelo apostólico e pelo amor ardente ao próximo na mais alta essência é uma grave perda não só para a Pia Sociedade Salesiana mas também para todos aqueles que davam culto ao bem, á virtude e a todos os sentimentos de filantropia que no Exmo. Sr. D. Tiago Costamagna tinham justa e digna personificação ».

O enterro do Exmo. Sr. D. Tiago Costamagna foi um verdadeiro plebiscito de estima e affecto não só para o extinto mas também para a Sociedade Salesiana.

A' missa de sétimo dia em Buenos Aires assistiu um ministro em nome do presidente da nação.

Em Caramagna, sua terra natal, houve uma manifestação de dó presidida pelas autoridades.

Em Turim no santuário de N. S. Auxiliadora fizeram-se solenes funerais no dia 27 de Outubro pelo seu eterno descanso, oficiando S. Excia. Revma. D. Felipe Perlo, Vigário Apostólico de Kenia, Africa, e pronunciando o elogio fúnebre o Revmo. Pe. Eusébio Vismara.

Exmo. e Revmo. Sr. D. João Marengo

Arcebispo Titular de Edessa
e Núncio Apostólico de América Central.

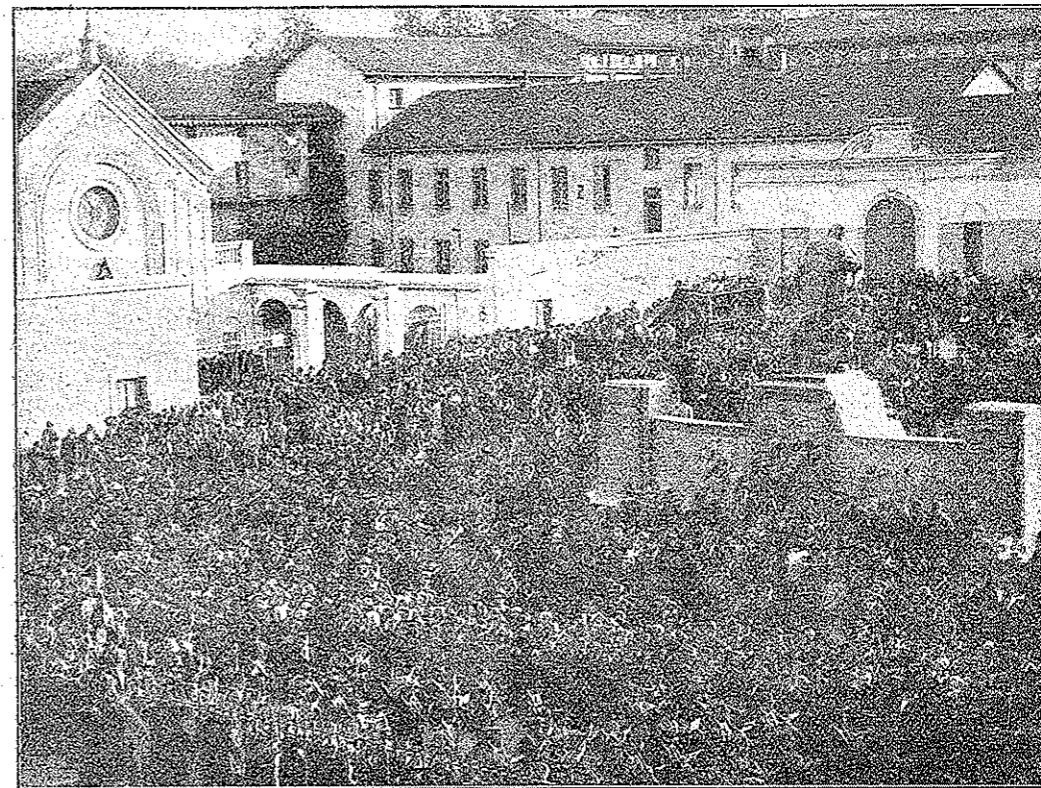
O Exmo. e Revmo. Sr. D. João Marengo abriu os olhos á luz em Ovada, Diocese de Acqui (Italia) a 27 de Abril de 1853. Devido á suavidade que recebera da natureza e que o tornava um tanto semelhante a S. Francisco de Sales, aprendeu facilmente no seio da família, que era muito distinta, a prática da religião e aquella fineza de maneiras que havia de ser uma das características que no transcurso da vida mais o illustrariam e que, qual poderoso iman, lhe atrairia irre-

sistivelmente o coração de quantos dele se aproximassem.

O talento favorecido pela fortuna, que com ele não tinha sido escassa, ter-lhe-ia podido ajudar a conquistar em breve na sociedade uma vistosa posição qualquer: mas ele, dando ouvidos exclusivamente á voz de Deus, que retumbava solene no seu interior a chamá-lo para o número dos seus ministros, enveredou pelos estudos sacros entrando no Seminário.

Quando estava no terceiro ano de teologia

No dia 12 de Dezembro de 1875 subia por vez primeira ao altar: desde então achamos ao Pe. Marengo a trabalhar como professor no Colégio Municipal de Alasio, no dos nobres de Turim, Valsállice, e desde 1878-82 a dirigir o Colégio de Lucca, de que era também fundador. Aqui foi onde ele manifestou as belas qualidades de superior que o adornavam: zelo iluminado em exigir dos colegas e alunos o que era de devêr, suma prudência em evitar susceptibilidades de uns e outros, serenidade de ânimo nos contratempos



Público na praça de Maria Auxiliadora vendo sair o enterro.

chegou aos seus ouvidos a fama de D. Bosco: veio, pois, a Turim a fim de se pôr ás ordens do Venerável, o qual ao aceitá-lo na Pia Sociedade (foi isto em 17 de Maio de 1873) entreveu para logo o muito que a sua Obra ganhava. Para que se iniciasse nos trabalhos do novo estado foi-lhe assignada uma secção de jovens para ele os assistir e leccionar: o êxito desta prova houve de ser excelente porque a 18 de Setembro de 1874 era ele admitido a emitir a promessa temporária de permanecer ao lado de D. Bosco e um ano depois a de jámais deixá-lo no resto da sua vida; demais, afirma o venerando Pe. Albera, todas as vezes que D. Bosco falava de Marengo fazia-o sempre com muito entusiasmo.

que ás vezes sobrevinham, afabilidade de trato com todos indistintamente e grande solicitude por tudo aquilo que dizia respeito á Casa de Deus. Em vista disto, e havendo sido ultimada a igreja de S. João Evangelista á custa de imensos sacrificios por parte de D. Bosco qual monumento de gratidão ao angélico Pio IX, o Venerável propô-lo como primeiro reitor, seguro de que o Pe. Marengo seria excelente ornamento dela e que estando mais á beira de si ele o poderia ir acostumando a cousas mais árduas e difíceis. E que tão risonhas esperanças não tinham sido defraudadas provam-no as palavras que D. Bosco facetando com o apelido e aludindo a *marengo* (que em italiano significa uma moeda de ouro do

valor de 20 francos) proferiu ao apresentá-lo dali a pouco ao Exmo. Cardeal Alimonda, Arcebispo de Turim: «Veja, Emcia., D. Bosco é muito pobre e com o tempo virá talvez a se-lo mais: um Marengo, porém, não lhe virá nunca a faltar».

Após o falecimento de D. Bosco, o venerando D. Miguel Rua, que lhe sucedeu no cargo, renovou, ou melhor dicto, acrescentou a confiança que no Pe. Marengo já depositava mandando-o em 1888 para Sampierdarena, Génova, como director do Hospício de S. Vicente de Paulo e pároco da igreja anexa de S. Caetano, e criando-o um pouco mais tarde Inspector de todos os colégios que a Sociedade, apoiada pelo zelo e caridade dos Cooperadores, havia aberto em Lígúria e Toscana.

Bem sciente já da rara habilidade que o Revmo. Sr. Pe. João Marengo possuía para as cousas de maior dificuldade, chamou-o D. Rua quatro anos depois a Turim e fê-lo seu Vigário Geral cerca do Instituto das Filhas de Maria Auxiliadora. E na verdade não é para dizer quanto o Instituto se tenha desenvolvido durante a sua direcção quer respeito á formação das sócias, quer ao aumento de número das mesmas e de resultas também de casas de educação da juventude feminina, sobretudo pobre e abandonada; basta afirmar somente que uma das mais belas páginas do sobredito Instituto é a que concerne aos oito anos que o Revmo. Sr. Pe. Marengo exerceu a sua direcção. Digamos de passo que foi neste tempo que ele se doutorou em Sagrada Teologia e Cánones na Universidade de Roma.

Vacante o cargo de Procurador Geral da Pia Sociedade junto da Santa Sé pelo falecimento do Revmo. Sr. Pe. Cesar Cagliero, ocorrido no dia 1º de Novembro de 1899, os olhos de D. Rua e dos demais Superiores caíram logo no Pe. Marengo, que efectivamente foi mandado a Roma nesse mesmo mez para preenchê-lo, durante nele perto de dez anos. Os serviços prestados neste trato de tempo á Pia Sociedade não é fácil enumerar. Sabia ele axpôr tão bem as questões que não havia quem ousasse rechassar as conclusões, intervindo sempre a sua suavidade de carácter quando era preciso vencer quaisquer obstáculos e desfazer equivoques por parte dos interessados. Deve-se a ele neste decurso a construção da nossa formosa igreja de S. Maria Libertadora no Testaccio e o reflorescimento do culto na de S. João da Pigna, confiada a nós por S. S. o Papa Pio X. Era Consultor de várias Congregações, nas que sobressaía mais que pela imponência da pessoa, pela fineza de trato, vasta cultura, lucidez de mente, prática dos negócios eclesiásticos e pelo coração generoso e aberto ás mais nobres iniciativas.

Não causa, pois, maravilha que a santa e saudosa memória de Pio X o tivesse elegido Bispo de Massa-Carrara, que é uma das dioceses mais difíceis de Italia, em Abril de 1909. Por desejo de D. Rua foi o Revmo. Sr. Pe. Marengo consagrado em S. Maria Libertadora no dia 16 do seguinte mez, e no dia 29 vinha ao Oratório para officiar de Pontifical no dia do Espírito Santo. Comovente foi o encontro do venerando D. Miguel Rua com o Exmo. Sr. D. João Marengo no pátio grande e em presença dos Superiores e alunos que jubilosos o aplaudiam: mas mais comovente foi a academia feita em sua honra, e na qual o venerando D. Miguel Rua lhe fez entrega da cruz peitoral que Mons. Luis Lasagna levava ao peito no instante em que o choque de comboios de Juiz de Fóra (Brasil) o victimou. «Esta cruz — disse o festejado ao recebê-la — será a que eu porei nos dias mais solenes e assim que aprofiver a Deus chamar-me quero que ela torne para o Superior da Pia Sociedade Salesiana para que passe de peito em peito episcopal salesiano!...»

Se quizessemos referir em todas as suas partes a acção por ele levada a cabo no governo da diocese não bastariam as páginas deste Boletim nem quiçá a de uma nossa publicação anual: isto, porém, seria o mesmo que uma fotografia a qual dá dos objectos somente as aparências, deixando entrever apenas a essência deles. O seu retrato moral, e que é o que temos unicamente de contemplar para formar ideia de um bispo (valha a expressão) á salesiana, são os seus mesmos diocesanos que no-lo dão. «O Exmo. e Revmo. Sr. D. João Marengo, durante os sete anos e pouco mais que governou a Diocese de Massa, viveu vida de alacridade, de oração e de apostolado; foi sempre humilde, modesto, afeiçoado ao clero e ao laicato, atencioso com as autoridades civis, sincero e complacente com os familiares; urbano e afável com todos, e era em extremo amigo dos meninos, que o rodeavam assim que o viam aparecer, mais da juventude estudiosa, cujo perigo de perder a fé nos bancos da escola fazia-lhe estremecer a alma, toda cheia de ardente caridade». Era bemquisto por todos, até mesmo pelos maus os quais viam nele um homem superior; esta sua superioridade, porém, consistia na doçura, afabilidade e paciência com que acolhia a todos, máxime aos pobres extraviados: da sua boca não saía nunca uma palavra áspera.

Com a elevação de Mons. Cagliero á Sagrada Púrpura em 1916 ficou vacante a Internunciatúra Apostólica da América Central. S. S. o Papa Bento XV, que estimava muito a S. Excía. Revma. D. João Marengo e estava no perfeito conhecimento da sua rara pericia no manejo dos

negócios, criava-o em 27 de Janeiro de 1917 Arcebispo de Edessa, nomeando-o simultaneamente Internúncio de Costa Rica, Nicarágua e Honduras.

Não foi sem grande repugnância que S. Excía. Revma. se resignou a esta árdua e penosa missão; mas nem contudo procurou eximir-se, certo de que era a mesma Providência quem assim dispunha, e que por tê-lo favorecido já em mil circunstâncias sábia, amorosa e maternalmente ele a significa no seu escudo com o mote: *Dominus regit me*. E' de se figurar a pena que os seus diocesanos tiveram ao ver-se privados do seu querido Pastor. S. Excía. Revma. despediu-se deles na Pastoral que lhes dirigiu ao principio da Quaresma, e logo depois afim de evitar maiores comoções de ambas as partes saíu de Massa uma noite e vestido de incógnito. No dia 17 de Março embarcava em Barcelona e no dia 19 do mez seguinte chegava a Costa Rica, sendo solenemente recebido por todas as autoridades civis e religiosas da República.

Nos quatro anos que passou na América Central teve a satisfação de ver restabelecida a Jerarquia Eclesiástica na República de Costa Rica com a elevação a Arcebispo da diocese da Capital, a criação da diocese de Alaguela e a formação do Vicariato de Limon. Travou de novo as relações diplomáticas de S. Salvador e de Honduras com a Santa Sé, e com acertadas medidas fez reflorescer a disciplina eclesiástica em S. Salvador e Nicarágua erigindo ademais nelas dois Seminários centrais.

Mas a sua saúde começou-se a abalar de forma que os médicos julgaram indispensável que ele voltasse a Europa para se restabelecer. Já enfermo, consagrou o novo Arcebispo de Costa Rica, acompanhou Mons. Monestel a tomar posse da diocese de Alaguela e nomeou o Administrador Apostólico de Limon. Ainda na véspera de embarcar, e estando já desfeito pela doença, consagrou na Sé de Costa Rica o Arcebispo de Guatemala.

No dia 28 de Setembro p. p. chegou ao Oratório de Turim, mas... não era já o Mons. Marengo de há quatro anos; jaquilo era só a sua sombra!

Os médiõs empregaram todos os seus esforços para veise podiam salvá-lo, mas bem depressa disseram que já não havia remédo: o Exmo. e Revmo. Sr. D. João Marengo declinava precipitadamente. No dia 13 de Outubro viu-se obrigado a guardar cama; no dia 18 recebeu com toda a solenidade Santo Viático, que lh'o deu o Revmo. Sr. Pe. Paulo Albera; no dia 27 recebeu a Extrema Unção e no dia 22 pela volta das 6 e meia horas da manhã voava a Deus rodeado pelos Irmãos que, chorosos, encomendavam a sua alma.

A noticia da sua morte causou grande estremecimento sobretudo na outr'ora sua diocese de Massa-Carrara, onde a sua memória ficará indelével. O seu funeral, realizado no dia 24 com a assistência de varios prelados, constituiu uma apoteóse.

Assim doze anos depois da sua elevação ao Episcopado o Exmo. e Revmo. Sr. D. João Marengo vinha em pessoa restituir ao Superior Geral da Pia Sociedade a cruz peitoral que fôra do malogrado Mons. Luis Lasagna!

Seus restos descansam no sepulcro da Família Salesiana ao lado dos Irmãos que ele em vida tanto amou.

Frutos das Escolas Católicas.

E' fora de dúvida que as escolas católicas são factores decisivos do progresso dos povos. Seu sistema pedagógico informado pelo espirito cristão visa especialmente a valorisar os elementos morais que formam a única verdadeira vitalidade dos povos.

Formar cidadãos competentes, consciences e bons, tal é o programa das escolas católicas.

As grandes ideias, que elas inculcam na mente e no coração dos meninos, são: *Deus, Pátria, Família*.

Das escolas católicas os jovens saem com conhecimentos completos para ganhar a vida e conquistar logares de destaque na sociedade. Mais importante e precioso que as letras e as artes para o aluno das escolas católicas é a pureza e bondade de carácter que o abilita a enfrentar as vicissitudes da vida; a boa consciencia que, á luz dos santos ensinamentos, regula a inteligente exploração das suas energias fisico-intelectuais, cujo máximo resultado deve redundar em benefício da sociedade e da família; o coração generoso amoldado pelas virtudes cristãs que lhe fazem viver uma vida sã e forte, sempre impulsionado por nobres e generosos sentimentos.

Conhecedor de seus deveres para com Deus, a Pátria e a Sociedade, será fiel cumpridor da ordem e, enfrentando os elementos dissolventes, será um eficaz agente de prosperidade em tempo de paz. O profundo respeito para com aqueles que lhe deram o ser, o orgulho da sua dignidade varonil e incorruptível, em frente de todas as solicitações do vício; e a louvável ambição de fazer bem a seus semelhantes, formarão o tesouro inapreciável do seu viver nobre e fecundo, debaixo da gloriosa bandeira em que ostentará como divisa estes tres santos ideais, únicos capazes de levar á humanidade a relativa felicidade que se pode gozar neste mundo: *Deus, Pátria e Família!*

Cidadãos competentes, consciences e bons, eis o fruto das Escolas Católicas.